

TEXTOS

**VOU APERTAR, MAS
NÃO VOU ACENDER AGORA**

Otávio Augusto Winck Nunes *

RESUMO

O presente artigo discute a posição do sujeito frente à diferença existente entre a nomeação e a nominação, especificamente em casos de toxicomania. Sugere que essa diferença pode obstaculizar a relação entre o registro simbólico e os registros do imaginário e do real.

PALAVRAS-CHAVE: droga, toxicomania, sujeito, cheiro, lixo.

I'LL FIX IT, BUT NOT BURN IT NOW

ABSTRACT

The present article discusses the position of the subject towards the difference there is between naming and nominating, specifically, in cases of toxicomania. It suggests that this difference can hinder the relation between the symbolic register and the imaginary and the real registers.

KEYWORDS: drug, drug addiction, subject, smell, trash.

* Psicanalista; Membro da APPOA; Doutorando na Universidade de Amiens/França.
E-mail: otaviown@terra.com.br

Começo este trabalho com uma indagação que me foi feita há alguns meses: “Doutor, o senhor trabalha com substância química?” Apesar do risco de poder ser confundido com um traficante ou com algum revendedor de laboratório farmacêutico, respondo: “Sim, trabalho”. O diálogo continua da seguinte forma: “Será que o senhor poderia me ajudar? É que li o cartaz que tem no seu carro...” Luís Fernando é um jovem flanelinha que trabalha em torno de um dos grandes *shoppings-centers* de Porto Alegre, em torno dos modernos templos do consumo. Conta-me que é viciado, consumidor de *crack*, e que não suporta mais o tipo de vida que está levando, ou seja, viver para consumir drogas. No seu relato, obviamente, as perdas são inúmeras. A começar pelo peso, passando pelo dinheiro, chegando, evidentemente, à família. A lista, como bem se pode imaginar, é interminável.

No entanto, seu pedido de ajuda pareceu-me extremamente interessante, já que ele havia lido no cartaz elaborado para a divulgação da nossa jornada, que estava dentro do meu carro, alguma coisa que poderia dizer respeito a sua condição, que o incluía em alguma formação discursiva. O cartaz dizia: *A direção da cura nas toxicomanias: o sujeito em questão*.

Na seqüência deste breve diálogo – Luís Fernando não queria prolongá-lo, já que era seu horário de trabalho, o que lamentei, pois a minha curiosidade não estava saciada –, ele acrescenta um pequeno detalhe que me chamou muito a atenção. Na longa lista de tragédias, tristezas e perdas que ele relatava, uma é especialmente destacada por ele: seu inconformismo com o próprio cheiro. Na verdade, não seria necessário que ele mencionasse esse detalhe, pois sentia-se, à distância, o mau cheiro que exalava de seu mirrado corpo, quase como uma espessa nuvem que denunciava ainda mais a sua presença. “Doutor, não agüento mais, não como, não durmo, não tomo banho, estou cheirando mal”. Eu não tinha outra alternativa a não ser confirmar o que me dizia: “Realmente está horrível, e tua sorte é que estamos no inverno, pois se fosse no verão seria bem pior”, é o que lhe digo.

De qualquer forma, seu pedido de ajuda parecia-me absolutamente procedente. Fiz, então, o encaminhamento que pensava ser viável para a sua situação. Mas, infelizmente, ele não procurou o serviço que lhe recomendei. Quinze dias depois, estaciono meu carro no mesmo lugar onde Luís Fernando trabalha e ele vem ao meu encontro e me diz todo satisfeito: “Doutor parei de usar. Voltei para a casa da minha família, estou feliz, etc.” Congratulei, evidentemente, Luís Fernando pela sua decisão. Retomo a questão do encaminhamento, ele diz que vai procurar o serviço, mas outro carro chega, ele precisa trabalhar e o nosso segundo diálogo termina por aí. Não lembro de ele ter deixado seu “rastro” no ar.

Esta breve e recente história ajudou-me a pensar em muitos dos casos de sujeitos usuários de drogas, ou de sujeitos toxicômanos, ou de dependentes químicos. Enfim, sabemos que a lista de denominações deste tipo é grande, mas acentuo o termo: denominações. Sabemos a facilidade com que ocorre uma nominação desse tipo, como se fosse uma espécie de tábua de salvação, recurso identitário que está bem próximo de ser alcançado.

O corpo do sujeito toxicômano mescla os registros do real e do imaginário de tal forma que as funções de cada um deles obstaculiza o processo identificatório. De um lado, há o corpo real, pulsional, em funcionamento, que *não cessa de não se inscrever*; do outro, há a construção do corpo imaginário, que procura dar certa unidade ao sujeito, tal como na experiência do estádio do espelho. E nesta sobreposição, o apaziguamento requerido não ocorre. A tentativa de constituição do processo identificatório falha, o simbólico responde por signos, e não significantes.

Poderia ilustrar essa questão recorrendo ao brinquedo do carretel do neto de Freud, ao *fort-da*. A repetição é condição para a simbolização, mas, no movimento pulsional toxicomaniaco, a torção necessária para que haja a simbolização parece não ocorrer. O traço identificatório que poderia deixar sua marca, no movimento de presença/ausência, não encontra validação no seu processo subjetivante, na construção fantasmática. Dito de outra forma, o traço unário que poderia ressituar a repetição com o estabelecimento do diferente não se escreve no sujeito, a não ser como a repetição do mesmo. O uso e o abuso das drogas são exemplares neste sentido. A droga, nesses casos, como objeto, não faz inscrição noutro lugar da economia psíquica, entraria sempre na mesma fenda.

Tomaria aqui uma passagem de Lacan, na conferência *A terceira*: “Com efeito, não há nada a mais no mundo que um objeto “a”, cocô ou olhar, voz ou teta que fende o sujeito e o maquia em dejetos, que ele *ex-siste* ao corpo” (1974/2002, p. 43).

Arriscaria indicar que há um registro de identidades e não das identificações. Como exposto acima, ocorreria, aqui, a sobreposição acentuada entre dois registros: o real e o imaginário, provocando uma aglutinação que inviabiliza, em alguma medida, a produção significativa.

Refiro-me à identidade no seguinte sentido: com a incorporação de um objeto haveria um processo de colagem identitária, e não identificação, pois esta é, se seguirmos Freud no capítulo 7 da *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/1996), sempre relativa a um outro/Outro, seja ao Outro ou ao semelhante, mesmo que parcial.

Assim, fumando, aspirando, injetando, o sujeito estaria colocado em relação a um objeto, e não em relação a um Outro. Claro que o objeto, nesses

casos, cumpre uma função para o sujeito, podendo mesmo servir de sustentação dos três registros, e dessa forma ofereceria uma possível identidade. Mas o sujeito se igualaria ao objeto, e não a um significante que o representasse. Sujeito e objeto são heterogêneos, assim como corpo e linguagem.

Penso nisso a partir das expressões que servem para designar a condição desses sujeitos: toxicômanos, dependentes químicos, drogaditos, usuários, maconheiros, viciados, heroinômanos, etc. Trata-se de uma profusão de termos que no, em geral, empobrecido vocabulário toxicomaniaco parece ter mais a função de signos que de significantes. Expressões rígidas que representam alguma coisa para alguém, mas que não representam um sujeito para outro significante. São expressões da língua que servem como anteparo, como defesa, como se os toxicômanos nelas encontrassem uma função de inclusão discursiva. Mas que são, do meu ponto de vista, termos que têm função nominativa e não nomeante.

Lacan, no seminário *Os nomes do pai* (1973-1974), propõe a seguinte diferença para esses termos. Nominar é dar à coisa um nome que ela não tem, e, dessa forma, a ação de nominar não seria suficiente para conter “a coisa”. Por sua vez, nomear é chamar “a coisa” por seu próprio nome, se está no registro da representação. Lacan avança um pouco mais para dizer que nomear é *nomear para*.

Aqui gostaria de retomar o exemplo de Luís Fernando. Quando ele fala que é usuário de *crack*, a primeira idéia que ocorre, e não há nenhuma originalidade nisso, está atrelada à fonética a que a palavra *crack* remete, ou seja, à produção onomatopéica que a palavra evoca; é como se o sujeito, ao nomear o objeto, estivesse incluindo a si próprio, o sujeito, quebrado, esfacelado, se nominando. Mas, também, outra idéia decorrente deste significante é a origem do próprio *crack*, ou seja, o *crack* é produzido a partir do refugo do refino da cocaína, é o resto, o lixo de uma outra droga. Então, no esfacelamento do sujeito, diversos, em pedaços, restaria seu cheiro.

Tomei a questão do cheiro evocado por Luís Fernando com o seguinte sentido: o seu forte cheiro de lixo, de resto humano que seu corpo produzia, que o incomodava e envergonhava, era um produto e, tal como o *crack*, o refugo de uma espécie de produção subjetiva. O resto não como objeto de desejo, mas como dejetivo. E, nesse sentido, identidade propiciada pelo objeto, que, não sendo suficiente para designar o sujeito, termina colocando um limite a ele. Desta posição ele não pode passar, pois aqui há, também, a inclusão e o reconhecimento de um terceiro. Uma posição estrangeira, exterior, que poderia funcionar para autenticar a sua identificação imaginária.

Uma consideração pertinente, nesse caso, é a retomada da significação do termo *adicto*, que muito ajuda a pensar o âmbito da identificação

toxicomaníaca, a qual relaciono com a questão do que proponho ser a sobreposição do real e do imaginário.

Jean Bergeret (1981), psicanalista francês, recupera a origem da palavra *adicação* para exemplificar a imposição feita pelo corpo nos casos de toxicomanias. Segundo este autor, em francês antigo, nomeava-se como *adicação* um aprisionamento do corpo a que um indivíduo ficava submetido enquanto suas dívidas não fossem pagas. A origem desta palavra remonta ao Direito romano, em que o juiz autorizava o credor a tomar a pessoa do devedor (*adictus*) e a tratá-la como coisa. Então, a *adicação* é a tomada para si, pelo credor, da pessoa devedora, que por ele era assujeitada, pois ele se servia dela. Ou seja, a condenação imposta ao devedor, àquele que não pode pagar, é colocar seu corpo objetalizado no lugar de penhora, de garantia. O sujeito não tem valor, só o seu corpo, mesmo que mal cheiroso.

Encontramos no livro de Esmeralda Ortiz (2000), *Esmeralda, por que não dancei*, também usuária de *crack*, várias passagens em que ela escreve sobre o mau cheiro que exalava seu corpo, e que, também, lhe provocava vergonha. Não é de estranhar que as referências identitárias do sujeito toxicômano com o lixo sejam extremamente usuais e comuns. No quê, afinal de contas, o sujeito se transforma ao ingerir, consumir ou usar uma droga?

Seria interessante pensar em que medida os encaminhamentos feitos para esses sujeitos toxicômanos funcionam, já que não parece haver, na relação com o Outro, possibilidade de construção de um lugar que não seja diferente daquele de lixo social. No caso de Luís Fernando, ser flanelinha e viver na rua, onde se coloca o lixo, ainda é uma sobreposição mais acentuada.

Pensando na articulação deste trabalho, lembrei de uma conhecida passagem, aliás nota de rodapé, de Freud em *Mal-estar na cultura* (1930 [1929]), onde ele interpreta a passagem da postura quadrúpede do homem para a postura bípede. Segundo ele, o homem, ao erguer-se do chão, abandonando a postura quadrúpede e passando a ter a postura ereta, tornou seus órgãos genitais visíveis, e aí houve a necessidade de uma proteção para eles, já que essa visibilidade lhe provocava vergonha. Nessa passagem, o olfato teria perdido importância, e a imagem, adquirido preponderância. Mas a nota de Freud continua um pouco mais, e ele evoca a questão da limpeza, que, por uma imposição cultural, tornou as excreções desagradáveis à percepção dos sentidos. Cito Freud:

“O fator social que validou a posterior transformação do erotismo anal valida sua presença pelo fato de que, em que pese todos os progressos do desenvolvimento, o cheiro dos próprios excrementos não resulta tão chocante para si próprio, somente as excreções de outros. Aquele que não é limpo,

ou seja, o que não esconde seus excrementos, ultraja então o outro, não mostra consideração nenhuma pelo outro [...]” (Freud, 1930 [1929], p. 98).

Num certo sentido, é a presença do outro, do semelhante, mas também do Outro nomeante, que interpõe uma barreira, recobrimento corporal que possibilita a construção narcísica, própria da função imaginária, que garantiria uma possível construção defensiva. Como se fosse a construção de uma pele que, ao mesmo tempo contorna e dá forma ao corpo, mas que, também, protege o sujeito.

Parece-me que a incorporação de um objeto, como a droga, faz o sujeito vacilar nesse momento, vacilo que tiraria o objetivo de dar consistência ao simbólico, pois ele já não funciona. E esse recurso não produz uma identificação ao traço, ao significante, remetendo o sujeito a um outro significante, mas, sim, remete o sujeito a um objeto, signo do dejetivo.

Para retomar a questão da nomenclatura e a da nomeação, penso na hipótese de que é a necessária incorporação de um corpo estranho, como a droga, ao produzir um outro corpo, que provoca, a partir dessa sobreposição dos registros do real e do imaginário, a dificuldade da construção de uma imagem unificada. A perturbação na organização pulsional e narcísica transforma o corpo, mas não cria uma unidade passível de ser nomeada.

A partir dessas considerações, retomo o título desta Jornada – *A direção da cura nas toxicomanias: o sujeito em questão*, que, aliás, tanto chamou a atenção de Luís Fernando. Afinal, não me parece ter sido o enigmático e tocante perfil que aparece no cartaz o que tenha levado Luís Fernando a me endereçar a questão inicial. Arriscaria dizer que Luís Fernando se sentiu incluído na frase, na formação discursiva proposta, e não na imagem do cartaz. Poderia dizer que ele se reconheceu no título designativo da jornada, o qual, talvez, o tenha remetido a um outro significante.

Se é o sujeito que está em questão, por que não ser ele *o sujeito*? Ou o destino que lhe caberia é o de ser *o viciado*, usuário de *crack* que se quebra e se esfacela a cada pipada do seu cachimbo? Ou, ainda, aquele que seria reconhecido pelo seu cheiro de lixo?

Certo, estou de acordo quanto às precauções que devemos ter nesses casos, e quanto a não podermos nos deixar levar apenas por algum arroubo muito otimista em relação ao futuro, ou alguma coisa que *cheire* à salvação dos tantos corpos mal-cheirosos que andam por aí. Mas parece-me que, quando reafirmamos, pela escuta, o lugar de sujeito, permitimo-nos ao menos pensá-lo e incluí-lo numa outra perspectiva discursiva. Neste sentido, interrogo a direção de cura que se aposta quando nos utilizamos, não do olfato, mas da escuta.

Gostaria de precisar mais duas idéias.

Uma é relativa ao título deste trabalho, nos versos desta conhecida música de Bezerra da Silva:

“vou apertar mas não vou acender agora,
se segura malandro prá fazer a cabeça tem hora”.

Primeiro ponto. Afinal de contas qual é a hora em que o malandro pode fazer a cabeça? Uma possível resposta, sempre muito corriqueira de se ouvir, é que a direção de cura do sujeito toxicômano remeteria necessariamente à abstinência da droga. Neste sentido, o privilégio seria dado à droga, enquanto objeto poderoso que toma conta e aniquila o sujeito. Então, qual seria a possibilidade de o sujeito fazer a cabeça sem ficar submerso na ação da droga, tomando certo distanciamento dela? E assim, se pensarmos na questão identitária, estando o sujeito colado ao objeto, ao se retirar o objeto, o que restaria? É, pobre malandro, sujeito em extinção...

Um segundo ponto. Não sendo essa a posição do analista, ou seja, essa de se deixar levar pelo discurso da droga, qual a possibilidade que se abre? O malandro pode fazer a cabeça de outro modo?

Penso que a escuta do sujeito inclui, obviamente, a posição que a droga ocupa na sua economia psíquica, na função que ela tem para o sujeito. Assim, ela poderia ter como efeito resgatar o sujeito da posição de dejetivo e de lixo em que os toxicômanos muitas vezes se encontram. Havendo – por que não? – a possibilidade da reciclagem deste mal-cheiroso lixo para outra inscrição subjetiva. Acho que essa possibilidade é a aposta que nos cabe, enquanto psicanalistas, manter e sustentar.

REFERÊNCIAS

- BERGERET, Jean. Aspects économiques du comportement d'addiction. In: _____. *Le psychanalyste à l'écoute du toxicomane*. Paris: Dunod, 1981.
- FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo. La identificación (1921). In: _____. *Obras completas*. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996. v. 18.
- _____. El malestar en la cultura (1930[1929]). In: _____. *Obras completas*. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996. v. 21.
- LACAN, Jacques. *Seminário 21 Os nomes do pai (1973-1974)*. Cópia mimeografada. _____. *A terceira*. Cadernos Lacan – volume 2. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.
- ORTIZ, Esmeralda do Carmo. *Esmeralda, por que não dancei*. 4 ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.